

NOTAS

Paulo Roberto Cimó Queiroz

Professor do Departamento de Ciências Humanas (DCH),
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH),
Campus de Dourados (CPDO) da Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul (UFMS).

(Agradeço também, aos colegas Benícia Couto de Oliveira, João Carlos de Souza e Osvaldo Zorzato, os valiosos comentários e sugestões às primeiras versões deste texto).

HISTÓRIA ONTEM E HOJE¹

Buscando desenvolver o tema que me foi proposto, procurarei aqui efetuar uma rápida e panorâmica abordagem das vicissitudes da História, enquanto disciplina e ciência, em nosso meio. Para isso, não poderei limitar-me unicamente ao espaço de nosso Estado, isto é, Mato Grosso do Sul – isso porque a criação desse Estado é demasiadamente recente, em termos históricos, e não há como tratar dessas questões sem considerar o espaço do antigo Mato Grosso uno.

Assim, considerando-se o nosso velho Mato Grosso, podemos dizer que a História vem sendo sistematicamente cultivada já há bastante tempo. De fato, pesquisadores como Osvaldo Zorzato e Lylia Galetti já mostraram que, desde o século XIX, membros das elites dominantes mato-grossenses se voltaram para a História em busca de

¹ O presente texto foi originalmente escrito para uma palestra, ou *aula inaugural*, proferida no Curso de História da Universidade Católica D. Bosco (UCDB), de Campo Grande, em 15 de março de 2002. Tendo os editores de *Fronteiras* decidido que valia a pena publicá-lo, como texto para discussão, cuidei apenas de acrescentar-lhe algumas informações (v. nota 2, infra), mantendo, no demais, a versão original.

elementos com os quais pudessem forjar algo como uma *identidade* mato-grossense, capaz de contrapor-se às imagens profundamente negativas que desde essa época costumavam ser associadas a Mato Grosso. Assim, essas elites buscaram, na história da região, elementos com os quais construíram uma visão essencialmente *heróica* de seu passado – um passado em que, segundo essa visão, os habitantes da velha capitania se distinguiram como *defensores das fronteiras* ocidentais do Brasil e como *agentes da civilização*, solidamente fincados em meio à *barbárie* representada por aquele meio *inculto*, dominado pelos índios (*selvagens*) e por uma natureza que, embora *rica*, apresentava-se *inóspita e ameaçadora*.

Essa visão, como mostraram os autores citados, levou à formação de uma historiografia de caráter essencialmente *memorialístico*, isto é, fundada na constante rememoração de datas, fatos e personagens considerados chave para a construção daquela identidade e para o reforço do sentimento de pertencimento ao grupo. É importante dizer que essa historiografia tinha objetivos que não eram nem um pouco inocentes: tratava-se, de fato, como mostrou Zorzato, de garantir para as elites mato-grossenses a *primazia do mando*. Quer dizer, em face da possibilidade da chegada de novos contingentes populacionais, as elites locais visavam a garantir que as rédeas do poder continuassem em suas mãos – visando, além disso, a manter bem definidos os lugares e papéis das diversas classes sociais; em outras palavras, as classes dominadas tinham também, nessa identidade forjada, um lugar subalterno, e a ele deveriam sempre conformar-se.

Um importante marco, nessa forma de encarar e trabalhar a História, consistiu nas comemorações do bicentenário da fundação de Cuiabá, em 1919, quando foi criado o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Daí por diante, a produção historiográfica mato-grossense, pautada pelos elementos já indicados, passou a ser feita principalmente sob os auspícios daquele Instituto – que aliás publicou regularmente uma revista até a década de 50 (publicação essa depois retomada nos anos 70).

No âmbito universitário, por outro lado, podemos dizer que a história do ensino e da pesquisa em História, em Mato Grosso, é relativamente recente – o que se deve ao fato de ser também muito recente o desenvolvimento do ensino superior em nossa região. Considerando-se apenas o espaço que viria a constituir o Estado de Mato Grosso do Sul, notamos que é somente na década de 60 que começam a formar-se, em Campo Grande, os núcleos que originariam as principais universidades sul-mato-grossenses, isto é, as atuais UFMS e UCDB. A origem da atual UCDB encontra-se, como vocês sabem, na Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras, criada em 1961; a esse estabelecimento juntaram-se, ainda na década de 60, outras faculdades, de modo que em meados da década de 70 surge a instituição chamada Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (a nossa velha FUCMT) – a qual se transformaria, em 1993, na Universidade Católica Dom Bosco.

As raízes da atual UFMS, por sua vez, encontram-se na Faculdade de Farmácia e Odontologia, estabelecida em 1962. Ampliada, essa faculdade transformou-se, em 1966, no Instituto de Ciências Biológicas de Campo Grande; além disso, em 1967 o governo estadual criou mais dois institutos de ensino superior público, sendo um em Corumbá e o outro em Três Lagoas. Integrando esses institutos, surgiu, na virada dos anos 60 para os 70, a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), à qual foram também incorporados os *centros pedagógicos* logo criados em Dourados, Aquidauana e Rondonópolis. Enfim, como se sabe, a UEMT foi federalizada em 1979, após a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, transformando-se assim na nossa UFMS.

Desse modo, não deixa de ser animador constatar pelo menos que o surgimento dos cursos de graduação em História não é mais recente que o processo de constituição das nossas universidades. De fato, a rede dos nossos cursos universitários de História, tal como a conhecemos hoje, foi praticamente definida entre o final dos anos 60 e o início dos 70 – quando surgem e se consolidam cursos de Licenciatura Plena em Corumbá (1968), em Três Lagoas (1970), em Campo

Grande, na antiga Faculdade Dom Aquino (1971), em Dourados (1973) e em Aquidauana, ainda nos anos 70. Pelo que me consta, esses cinco permaneceriam os únicos cursos universitários de História em nosso Estado até o ano passado, 2001, quando a UFMS criou dois novos cursos, sendo um em Campo Grande e o outro em Coxim. Já em 2002, por outro lado, começou a funcionar também um curso de História em Ponta Porã, em uma instituição particular².

Acredito ser possível dizer que aqueles primeiros cursos não deixaram de representar uma conquista dos cidadãos sul-mato-grossenses, visto que, naquela época, o esforço principal do governo militar, nessa área, estava direcionado para a formação rápida de professores para o antigo 1º grau, com os cursos de Estudos Sociais, chamados de “licenciatura curta” e abrangendo conteúdos de História e Geografia. Os famigerados cursos de Estudos Sociais não foram logo extintos. De todo modo, o surgimento de cursos de licenciatura plena em História e em Geografia permitiria um maior desenvolvimento dessas duas ciências em nossa região.

De fato, podemos dizer que, nesses 30 e poucos anos, a pesquisa histórica teve, entre nós, um notável desenvolvimento, ligado principalmente à atuação da UFMS e de sua antecessora, a UEMT, com apoio do governo federal através do programa de capacitação docente coordenado pela CAPES. É notável que, desde o início, a pesquisa universitária tendeu a orientar-se para temas regionais. Assim, já na década de 70 começa a surgir uma verdadeira historiografia universitária sul-mato-grossense, com as dissertações de mestrado dos professores Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa, em Corumbá, e da professora Joana Neves, em Aquidauana. Não se tratou aí, certamente, de um processo fácil e tranqüilo. Na própria UEMT, depois UFMS, demorou a consolidar-se uma mentalidade de

² *Faculdade Magsul* é como se chama a referida instituição ponta-poranense. A esta lista devem ainda ser acrescentados outros dois cursos: aquele das *Faculdades Integradas de Cassilândia*, que começou a funcionar nessa cidade em 2002, e o da *Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul* (UEMS), aberto na cidade de Amambai já em 2003.

efetivo apoio às atividades de pesquisa científica, a qual somente se tornaria plenamente perceptível já na década de 80. Também na antiga FUCMT, como se sabe, essa mentalidade enfrentava obstáculos, e ela somente iria encontrar um ambiente mais favorável já no processo de constituição da UCDB. Além disso, era em geral deplorável a situação dos laboratórios do historiador, isto é, os arquivos, e era difícil até mesmo encontrar as obras dos historiadores mato-grossenses tradicionais, que serviriam de ponto de partida para as novas pesquisas. Finalmente, com relação aos pesquisadores universitários dedicados a temas da história mato-grossense e sul-mato-grossense, deve ser dito que esses pesquisadores trabalhavam em um ambiente profundamente marcado pela historiografia memorialística, há pouco mencionada, a qual não deixava de influenciar a produção acadêmica.

Não obstante, nos anos 80 e 90 a pesquisa acadêmica em História floresceu significativamente na UFMS, e passou a mostrar seus frutos também na UCDB. Nesse florescimento continuaram a ter um peso preponderante os temas ligados à história de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sendo que os próprios cursos de graduação passaram a incluir em seus currículos a disciplina chamada precisamente História Regional. Além desses, outros temas eram também trabalhados, gerando, pelo menos na UFMS, uma diversificada produção – sendo que a listagem dessa produção, em um balanço que realizamos em 1993, foi suficiente, por exemplo, para preencher um folheto com mais de 50 páginas.

Por outro lado, na década de 90 o ensino de História atingiu em Mato Grosso do Sul um novo patamar. Refiro-me ao oferecimento dos primeiros cursos de Especialização em História, pela UFMS e pela FUCMT/UCDB. Com esses cursos, os egressos das licenciaturas puderam voltar ao convívio universitário, renovando e aprimorando seus conhecimentos. Além disso, devido à exigência da apresentação de uma monografia de final de curso, os cursos de Especialização contribuíram para o levantamento de inúmeros objetos de estudo, até então desconhecidos, sugerindo novos rumos para a pesquisa históri-

ca sul-mato-grossense. Finalmente, já mais para o final dos anos 90 o ensino e a pesquisa em História subiram mais um degrau acadêmico, com a criação do Mestrado em História na UFMS, em Dourados, e o Mestrado em Desenvolvimento Local na UCDB, em Campo Grande. Todos esses progressos refletiram-se, por exemplo, na constituição e fortalecimento do núcleo sul-mato-grossense da nossa Associação Nacional de História, a velha ANPUH – núcleo esse que, criado ainda na década de 80, se destaca, em nível nacional, pela regularidade que tem mantido em suas atividades, centradas, sobretudo, na realização de seus encontros científicos estaduais (estamos já no 6º Encontro, que será realizado em Dourados em outubro próximo).

Assim, parece-me inegável que o ensino de História em nível básico, isto é, os nossos antigos 1º e 2º graus, esse ensino muito se beneficiou com os nossos cursos de licenciatura plena e seus desdobramentos posteriores. Os cursos superiores de História, na UCDB e na UFMS, contribuíram em grande medida para a formação de pessoal qualificado e para a renovação geral das concepções de História e das técnicas de seu ensino. O curso da antiga FUCMT, por exemplo, formou profissionais que hoje se encontram atuando inclusive na UFMS e em outras importantes universidades brasileiras. O desenvolvimento da pesquisa sobre a história mato-grossense e sul-mato-grossense, por sua vez, contribuiu decisivamente para a crítica das velhas concepções memorialísticas, que caracterizavam a historiografia mato-grossense tradicional, e abriu caminho para um tratamento mais adequado de nosso passado, integrando na reflexão historiográfica os chamados “esquecidos” da história, como os povos indígenas, os trabalhadores, os negros, as mulheres. A prática da pesquisa nos cursos de graduação, cada vez mais disseminada, seja através dos programas de Iniciação Científica, seja por meio das monografias de fim de curso, tem contribuído, por sua vez, não apenas para formar novos pesquisadores como também para aprimorar a formação dos profissionais do ensino. Ao mesmo tempo, nossos cursos de licenciatura contam já com respeitáveis 300 horas/aula dedicadas à prática do ensino.

Desse modo, meus caros colegas e alunos, creio que o balanço da História universitária, em Mato Grosso do Sul, é francamente positivo. Avançamos no ensino, avançamos na pesquisa, avançamos, enfim, na constituição de espaços acadêmicos respeitados e reconhecidos. Desse modo, podemos dizer que, em face de um *ontem* nebuloso e incerto, conseguiu-se construir um *hoje* marcado por muitos e sofridos avanços. Entretanto, muito há ainda a ser feito.

De fato, é preciso dizer que a pesquisa acadêmica em História, em Mato Grosso do Sul, pode ser considerada ainda incipiente. É certo que se criou, em nossas Universidades, um ambiente mais favorável ao trabalho dos pesquisadores. Entretanto, somente agora começam a delinear-se, de modo mais claro, algumas linhas de pesquisa, capazes de aglutinar e potencializar o trabalho dos vários profissionais. Do mesmo modo, não tem sido muito grande o progresso dos arquivos, essas instituições das quais tanto depende o trabalho do historiador. Continuamos ainda hoje a depender, em grande medida, do Arquivo Público de Mato Grosso, em Cuiabá, bem como dos arquivos localizados nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. Nosso Arquivo Estadual luta ainda com muitas dificuldades, e os arquivos das prefeituras municipais pouco avançaram, à exceção do caso de Campo Grande. As câmaras municipais, por sua vez, têm demonstrado igualmente pouca disposição para organizar e abrir seus arquivos. Os arquivos das instituições privadas, enfim, encontram-se em geral em situação igualmente desfavorável, com a possível exceção dos acervos da Igreja Católica.

Por outro lado, deve ser dito que os pesquisadores universitários estão ainda a dever, ao nosso ensino básico, textos de apoio (paradidáticos, diríamos), capazes de traduzir, em linguagens e formas adequadas ao público estudantil, importantes trabalhos acadêmicos acerca da história mato-grossense e sul-mato-grossense. Do mesmo modo, seria desejável que o ensino básico se abrisse mais para uma atuação conjunta com as universidades, no âmbito das nossas disciplinas de Prática de Ensino.

Ainda com relação ao ensino de História nos níveis fundamental e médio, é impossível deixar de apontar que ele é também afetado pelos problemas que afligem o conjunto do nosso ensino básico: a insuficiente remuneração de seus profissionais e o ridículo ensino parcial, com apenas 4 horas diárias (o que leva, por exemplo, ao ridículo número de 2 ou 3 aulas semanais de História) – sendo que, nesse contexto todo, o profissional acaba sendo levado a lecionar em dois turnos, o que limita muito seu desempenho e suas possibilidades de aperfeiçoamento. No que toca a essas questões, a responsabilidade maior é dos municípios e do Estado, que constituem o parâmetro principalmente para os salários do setor privado. Fala-se muito que as crianças e adolescentes não gostam de História, mas isso, para mim, é falso. Muitos podem não gostar da situação atual; e, de fato, como interessar-se mais por uma disciplina tratada às pressas, sem maior possibilidade de aprofundamento, sem a chance de propiciar as reflexões e questionamentos que deveriam constituir a razão de ser do ensino da História? Adote-se o ensino integral, amplie-se o espaço da História, e veremos nossos estudantes se interessarem muito mais por seu aprendizado. Do mesmo modo, aumente-se a remuneração dos professores, e veremos como mudarão as condições do ensino – com ou sem computadores, televisores, parabólicas, *data-shows* etc. A competência científica e técnica, requerida por um bom ensino de História, já existe e está disponível em nossos cursos universitários, em nossas publicações, nos encontros da ANPUH. Falta, pois, apenas valorizar a História e seus professores, em termos de carga letiva, salários e jornada de trabalho.

Finalmente, convém lembrar que nos encontramos hoje em face ainda de mais um desafio, a saber, a dicotomia entre cursos de Licenciatura e de Bacharelado, dicotomia essa reiterada pelas diretrizes curriculares para as licenciaturas, aprovadas em 2001 pelo Conselho Nacional de Educação. Trata-se aí de uma perspectiva muito perigosa, pois é de fato um equívoco pretender separar ensino e pesquisa, em nome das supostas especificidades do trabalho do professor do ensino básico. Não é por acaso que as diretrizes curriculares para os

curso de História – elaboradas com a participação de nossa associação nacional, a ANPUH, e igualmente aprovadas pelo CNE – não é por acaso que essas diretrizes apontam na direção de um *curso de graduação único*, voltado à formação de profissionais aptos a trabalhar em todos os campos ligados à História, aí incluído o magistério. Por isso é preocupante a reafirmação da citada dicotomia pelo CNE (aliás de modo contraditório, como se pode ver).

Como tem sido mostrado pela ANPUH, essa separação entre licenciatura e bacharelado parte de um princípio falso, a saber, a idéia de que o desempenho do professor dependeria quase que unicamente de certas técnicas específicas que lhe deveriam ser ensinadas nos cursos de licenciatura – com o que chegaríamos praticamente a definir o professor como um simples *técnico*, habilitado a *repassar* eficientemente, aos alunos, os conteúdos de sua disciplina. Essa visão, como vocês sabem, constitui a negação de tudo o que sempre foi afirmado e reafirmado ao longo do desenvolvimento recente do sistema universitário brasileiro – fundado no clássico e indissociável trinômio *ensino-pesquisa-extensão*. Esse trinômio exclui, terminantemente, qualquer visão *tecnicista* da função do professor – afirmando, ao contrário, que a formação de professores, em nível universitário, não pode ser encarada senão no contexto mais amplo de cada ciência, aí incluída, com destaque, a prática científica. É claro que não é razoável pretender que *todo* estudante de História venha a tornar-se um pesquisador acadêmico. O que não se pode, entretanto, é pretender separar mecanicamente essas duas esferas, em favor da idéia de um professor como mero repassador de conhecimentos, alheio a toda a discussão relativa aos métodos de produção desses conhecimentos – como se ao professor, na sua prática docente, não coubesse também a tarefa de *produzir*, com seus alunos, conhecimentos históricos.

Enfim, estimados colegas, caros alunos, para não alongar demasiadamente esse panorama que venho tentando esboçar, talvez possamos dizer que nosso *amanhã* poderá ser ainda mais promissor, desde que consigamos obter, no vasto mundo além das fronteiras da

Universidade, um maior reconhecimento da importância da Educação, e sobretudo da História, na formação de nossos cidadãos. Desse modo, concludo fazendo aos jovens aqui presentes um convite: integrem-se decididamente neste valoroso curso superior que é o curso de História da UCDB. Aqui vocês encontram a oportunidade de se prepararem convenientemente tanto para o ensino como para a pesquisa – que são, como foi dito, atividades gêmeas, inseparáveis uma da outra. Aqui vocês contam com uma rica biblioteca de Ciências Humanas, com professores qualificados e com um amplo campo de trabalho. Vocês precisarão certamente esforçar-se para melhorar ainda mais as condições existentes, mas desde logo fica entendido que vocês contam com bons pontos de partida. Não se deixem abater pelas dificuldades, que são inegáveis e que eu mesmo acabei de apontar. Em minha opinião, temos fundadas razões para sermos otimistas. No tocante ao exercício do magistério, creio que nosso país chegou a um ponto em que não é mais possível deixar de investir decididamente na valorização dos professores. Com um pouco mais de luta e pressão, conseguiremos, certamente, garantir ao nosso professorado dignas e favoráveis condições de formação e trabalho. No tocante especificamente à pesquisa, creio que as perspectivas podem ser consideradas ainda mais favoráveis. A esse respeito, a tendência tem sido claramente no sentido da ampliação dos espaços e dos meios capazes de favorecer o trabalho dos historiadores, e a continuação e a acentuação dessa tendência dependerá, em boa parte, de nossos próprios esforços e das pressões que podemos exercer.

A todos esses esforços, iluminados por uma disposição generosa e otimista, e amparados e orientados pelos mestres mais antigos, é que eu me permito conclamar os nossos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROLAMENTO da produção científica na área de História: 1968-1993. 1994. Por Valmir Batista Corrêa, Paulo Roberto Cimó Queiroz e Norma Marinovic Doro. Campo Grande: UFMS. (Anais de Pesquisa, 1).

CORRÊA, Valmir Batista. 1994. A História Regional em questão. *Revista Científica*, Campo Grande, UFMS, 1(2):51-56.

Documentos da Associação Nacional de História (ANPUH) relativos a diretrizes curriculares.

GALETTI, Lylia S. G. 2000. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo, FFLCH/USP.

MANUAL do acadêmico 2001. Campo Grande: UFMS.

www.ucdb.br.

ZORZATO, Osvaldo. 1998. *Conciliação e identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo, FFLCH/USP, São Paulo.